

UNIVERSIDADE FEDERA DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Psicologia
Aluno: Pedro Augusto Papini
Orientadora: Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto

ENSEADA

*“O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...”*

*Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...*

*Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem”*

(Manoel de Barros¹ - Enseada)

¹ BARROS, Manuel. **O Livro das Ignorâncias**. Rio de Janeiro: Record, 1993

RESUMO

O presente trabalho apresenta um exercício de escrita cartográfica acerca da formação em psicologia. O processo de elaboração deste exercício tem como inspiração o trabalho de Rosane Preciosa e o diálogo com conceitos propostos por Gilles Deleuze e Félix Guattari. As questões que se enredam nesta experimentação da escrita envolvem a enunciação de um tempo da formação psi que evidencia as vivências singulares da vida-prática-teoria numa reflexão ética, política e estética.

Palavras chave: fragmentos, singularidade, devir.

O que vestir para um diálogo:

Antes de sair de casa, quando encontramos-nos na intimidade de nossos lares, ao nos vestirmos geralmente temos em mente os lugares que vamos, as pessoas que encontraremos, as formalidades e informalidades em que eventualmente iremos nos esbarrar. Se for chover ou não também é uma informação importante. Não nos vestimos ao acaso, aleatoriamente - quando nos encontramos em frente ao guarda-roupa, temos em mente, pelo menos minimamente, uma possibilidade de acontecimentos e encontros e que roupas seriam mais “apropriadas” para tal. Uma partida de futebol, um baile de formatura geralmente costuma demandar roupas e acessórios diferentes.

Claro que no fim das contas, para muitas pessoas, o interessante é que vistamos o que quisermos e como quisermos, sem talvez ficarmos sempre pensando em agradar os olhos dos outros e projetando um futuro e a si próprio. Agradar, não agradar, ficar bonito, cheiroso, fedido ou feio; vai de cada um. Porém, o autor deste trabalho acha despotente que não lhes apresente minimamente algumas possibilidades de lugar que o leitor poderá se deparar durante o tempo que dialogar com este Trabalho de Conclusão de Curso.

Talvez algumas roupas possam ser mais ou menos esteticamente interessantes que outras para esse encontro.

(abra o seu guarda roupas e vamos a próxima fronteira para a escolha do que vestir ...)

*“Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar.
Pois reconhecer é o contrário do encontro.”
(Gilles Deleuze)²*

Por que faço disso meu trabalho de conclusão de curso?

Ficamos no mínimo 5 anos de nossas vidas freqüentando aulas e fazendo estágios de psicologia. E quer queira quer não, para nos formarmos, se faz necessário que não fiquemos apenas a ouvir professores falar e a ler livros e textos. Para ser psicólogo é preciso que se entre em contato com “práticas”. Enquanto estudantes de um fazer psi ficamos a mercê do contato com o outro, uma condição para alcançarmos um diploma, O diploma.

Para tanto, vamos a campo. E o que trazemos de volta às aulas são perguntas. Perguntas e, por vezes, dor nas perguntas (pergunta-dores). Dúvida nas perguntas, alegria nas perguntas, esperança nas perguntas, medos e sonhos nas perguntas. Afetações inefáveis. Muitas vezes não sabemos o que perguntar. Não por acreditarmos estar fazendo a “coisa certa” e não existirem dúvidas, mas porque o contato com o outro pode criar uma explosão. Explosão enquanto desenvolvimento repentino de uma força cujo som pode trincar os vidros das janelas do pensamento, e cujo fogo contorce a espinha ereta da racionalidade dando a ela um formato comumente de ordem surrealista ou desconhecido. Este fogo também tem o perigo de dar cor e brilho a inflamáveis espaços de ignorância que nos rodeiam constantemente.

E quando chegamos aos nossos mestres com a possibilidade de questionamentos, em nossos ouvidos não está mais que o estampido do contato.

Podemos chamar essas afetações, roubando palavras de Rosane Preciosa³, de resíduos vitais: os quais parecem não caber nas disciplinas do curso de psicologia. Talvez esses resíduos sejam emanados de elementos singulares da subjetividade do ser

² DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998

³ PRECIOSA, Rosane. **Rumores Discretos da Subjetividade** – Sujeito e Escritura em Processo. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2010

que as verte, somando-se às variações de troca com um mundo surpreendente. Por isso parece que para compor um plano de sentidos a essas valiosas emanações que escapam dos símbolos que comumente nos aparecem em mãos, se faz necessário um movimento de hibridismo que resulta em um quadro charmosamente tremido e perturbado por vários elementos. Aqui, ciência, filosofia, arte e coração compõem uma epistemologia devassa para a escrita deste tcc e para a busca da amplificação de sentidos ao curso de psicologia.

Não há como a formação ser completa. Arrogância e ingenuidade orientam essa expectativa contrária. Quando nos dirigimos aos nossos professores, filósofos, amigos teóricos para que estes no dêem direções e assim possamos intervir, isso acaba que não é mais que um fragmento de uma história. Precisamos sim dos filósofos, dos orientadores, dos intercessores, dos conselheiros, dos livros e das teorias. Mas isso não pode ser tudo, porque precisamos acreditar que algo nisso está incompleto, algo invariavelmente vai estar nos escapando. Afinal, de que se trataria a psicologia se ela se fizesse sempre do inteiro?

A incompletude está aqui em jogo, dançando conosco, sorrindo com sarcasmo para nós, tentando se esconder nas nossas falas e pensamentos. Ela dança nas entrelinhas da psicologia e com ela tateamos. Procuramos respostas e mais respostas. Parece que necessitamos sempre das conexões entre causa e tempo para existir como profissionais sérios e responsáveis: que sabem o que fazem e para que vieram. Há uma necessidade que nos rodeia, como um fantasma, que nos força a ver um sentido, um caminho, já precisamente catalogado em algum lugar. Um fantasma traiçoeiro que força a ligação de uma coisa com outra. Uma força que tenta depurar, dar coerência às variações entre os acontecimentos. Preenchendo o que não conseguimos preencher com coisas que alguém necessariamente já falou sobre o que estamos fazendo ou escrevendo no momento. Para formar planos de sentidos retilíneos. Em direção a um Todo.

Então precisamos das conectividades. Precisamos forçar as ligações. “Existe um autor que fala exatamente disso!”. E aquilo que chamei de resíduos vitais acaba sendo por vezes aniquilado.

Por isso proponho um trabalho de conclusão de curso em que, me desculpe, mas as conexões não estão dadas! Porque as conexões não existem a priori. Elas se constroem na tensão do agora do acontecimento, do encontro, e ali ela se consuma para

no instante seguinte mudar singularmente. Esse é um trabalho de conclusão que não conclui, e, por conseguinte pretende não excluir possibilidades de leitura e de experimentação. São *fragmentos* que tem em seu projeto o “desejo de operar uma inteireza de articulações combinada a uma resistência a sistematizações”, como nos diz Rosane Preciosa⁴ sobre uma força dos fragmentos quando acolhidos.

Uma tentativa de subverter o trabalho acadêmico que carrega consigo em sua estrutura e suas linhas uma carga de Unicidade de relações. Em *Trópico de Câncer*⁵, Henry Miller narra uma parte de sua vida em que viveu em Paris. Os acontecimentos vívidos narrados por Miller contêm a força do caos e da imprevisibilidade da vida. Os “personagens” do livro são absolutamente fugidios. O autor nos apresenta uma pessoa que apareceu em seu caminho, que lhe deu abrigo e comida em um momento; fala sobre esse encontro até um ponto em que o leitor começa, quase que por um vício de leitura, a apegar-se a esse personagem descrito. Então, como que naturalmente, este não é mais citado em mais momento algum do livro.

O autor se engrenda pelas ruas da Paris, e cada encontro, cada refeição conquistada proporciona singularmente as suas filosofias sobre a plenitude da existência. São como fragmentos de vida que não excluem outras infinitas ocorrências que contribuíram para desembocar naquilo, mas não necessita citá-las para existir; não as referencia para existir e, por não referenciá-las, se faz possível um outro espaço germinativo para idéias e expressões.

⁴ PRECIOSA, Rosane. **Rumores Discretos da Subjetividade** – Sujeito e Escritura em Processo. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2010, pág. 23

⁵ MILLER, Henry. **Trópico de Câncer**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003

Cuidado:

“Pensamentos fragmentários não asseguram àquele que lê a exposição clara de um percurso teórico, de um sítio de onde se parte(...)”⁶

(Rosane Preciosa)

Para atravessar uma fronteira:

Na orientação da vestimenta para um diálogo destes escritos com um leitor, se faz necessário dizer que para realizar este Trabalho de Conclusão de Curso, foi necessário atravessar uma fronteira cuja aduana é bastante rígida. E, para atravessá-la, tive que montar um passaporte próprio e legítimo, cujas peças podem ser encontradas em bibliotecas, livrarias ou na internet.

Um elemento importante deste passaporte aqui exposto está desenhado no que Gilles Deleuze e Félix Guattari⁷ (1992) chamam de Personagem Conceitual. Pensar em personagens conceituais ajuda a atravessar essa rígida fronteira e a construir linhas para habitar este território estrangeiro.

Os Personagens Conceituais são seres que comumente associados a disciplinas como a filosofia, artes plásticas, cinema, literatura, psicologia se torcem na possibilidade de tornarem-se uma coisa diferente da de uma representação de um conceito teórico, artista. Eles variam conforme os planos de imanência em que são convocados ou brotados. “Os Personagens Conceituais são heterônimos dos filósofos”⁸.

⁶ PRECIOSA, Rosane. **Rumores Discretos da Subjetividade** – Sujeito e Escrita em Processo. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2010

⁷ DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998

⁸ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia. Trad. Bento Prado Jr e Alberto A. Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, pág 86.

Eles não são algo a priori, pois eles estão na ordem do devir, e “devir não é ser, Dionísio se torna filósofo, ao mesmo tempo que Nietzsche se torna Dionísio”⁹.

Por isso, nesse trabalho, as disciplinas citadas anteriormente não se manifestarão nesses escritos como fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas sim como o que Deleuze e Parnet¹⁰ chamam de dupla captura. A questão da dupla captura é referida pelos autores citados na “relação” entre a orquídea e vespa. Há uma espécie de orquídea que apresenta uma forma, uma coloração e um cheiro de acasalamento da fêmea de vespas. A orquídea parece formar uma imagem de vespa, mas, na verdade, há um devir-vespa da orquídea, um devir orquídea da vespa, uma dupla captura. A vespa torna-se parte do aparelho reprodutor da orquídea, ao mesmo tempo em que a orquídea torna-se órgão sexual para a vespa.

Assim, na produção deste trabalho, quando é utilizado um conto de Franz Kafka, é na direção de encontrar o conto com minha experiência na formação que produz esta escrita em um plano de imanência. Um faz o outro, e só estão ali agrupados por causa disso. Então me desapeguei do medo de citar Gabriel Garcia Marques, Deleuze, Henry Miller, Foucault, o Fiscal da Aduana, pois pela via da noção de Personagem Conceitual, eles não falam por si (não *são*), eles se encontram com um pensamento para que ocorra um movimento de torção em uma produção singular, dentro de cenas singulares e assim tornam-se personagens deste tcc.¹¹ Assim como o leitor fará parte desta cena produzindo sentidos.

Na exposição deste passaporte, ainda parece ser importante falar mais sobre esse lugar estrangeiro em que me aventurei na escrita-experiência deste trabalho. Uma ideia deste TCC é se fazer um auto arremesso às páginas por preencher de um ano de trabalho

⁹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia**. Trad. Bento Prado Jr e Alberto A. Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

¹⁰ DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998

¹¹ Ver anexo 1: ilustração de um processo construção.

de conclusão de curso. Escrever e ser inscrito nos acontecimentos que tomam cor e corpo na paisagem dos trajetos deste ano¹².

Um importante personagem conceitual que se coloca já aqui neste passaporte é Rosane Preciosa e seu livro *Rumores Discretos da Subjetividade*¹³. O livro é organizado por fragmentos, não por capítulos. Entendo que este é um modo potente como um princípio cartográfico que orienta um exercício de expressão de acontecimentos que pulsam sem dar notícia a um caminho estritamente lógico e racional entre eles.

Um jogo que a forma e o informe, o contínuo e o descontínuo se sobrepõem. Fragmentos conectados por microfendas possíveis; elos de sutil afinidade.

O exercício de dupla captura da orquídea e da vespa. Uma intenção é que esses fragmentos se troquem no leitor e o leitor se troque nos fragmentos; dando sentidos e conexões que não são exclusivos da pessoa que os escreveu, mas pertencem ao plano de agenciamentos que acontecem no leitor. Como um caleidoscópio de imagens fazendo cada vez uma nova combinação conforme o movimento de quem o está girando.

¹² Quanto tempo comporta um ano?

¹³ PRECIOSA, Rosane. **Rumores Discretos da Subjetividade** – Sujeito e Escritura em Processo. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2010

Palavras chave

Estava chegando em casa agora, com a cabeça cheia de pensamentos. Fiz um dos muitos movimentos instantâneos e automáticos de um cotidiano: pegar a chave da porta para abri-la e entrar em casa. Algo, entretanto, quebrou meu movimento automático-instantâneo. Na fração de segundo do acontecimento senti a interferência: em minhas mãos não estava o pequeno objeto metálico com um alongamento irregular que comumente utilizamos para abrir portas, cofres, gavetas. Eu havia pegado um papel e uma caneta.

Mas e como faço para escrever um Trabalho de Conclusão de Curso?

A chave da resposta não está em pegar o papel, a caneta e “mãos à obra”, como talvez poderíamos apressadamente interpretar o meu ato “falho”.

Enquanto me dirigia ao local em que eu necessitaria da chave, estava sendo levado por uma maré de pensamentos que desaguaram na escrita desta experiência.

Marcas

Se olharmos uma fotografia nossa datada de 10 anos atrás, um movimento quase imperceptível possível seria o de imprimirmos ela em nossa mente criando instantaneamente uma certa linha temporal de fatos. Uma estrada, uma máquina-estrada que nos tornamos no instante de conectividade entre o ser que somos hoje, e o ser que hoje imaginamos constituído naquela foto; máquina-estrada que não sei se longa ou se curta, mas proponho pensar que com curvas - várias curvas, buracos, pedágios, pessoas pedindo carona, pneus furados, animais passando, pressas: ocorrências que desestabilizam a velocidade.

Travessias que marcam sulcos no rosto do tempo. E não se trata do tempo da cronologia acontecida dos *fatos*. Mas cronologia *acontecendo*. As marcas e a constante mutação do presente são processos imanentes entre si. Sueli Rolnik¹⁴ nos diz que são “Estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir de composições que estamos vivendo”, a partir do olhar que damos hoje a isto, àquilo. Que será diferente amanhã, quando olharmos a mesma foto que citei antes. Serão outras as marcas; pois as marcas ressoam no presente, “se reatualizam no contexto de uma nova conexão”.

¹⁴ ROLNIK, Sueli. **Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico.** Cadernos de subjetividade, São Paulo, v.1, n.2, p.241-251, set./fev. 1993.

Entrelinhas

Ler o que está escrito nas entrelinhas. "Você não entendeu? Ora, está nas entrelinhas". Que coisa meio mágica isso de se entender no que está escrito algo que não está escrito nas palavras desenhadas diretamente da ponta da caneta.

Quando conseguimos ler algo que está nas "entrelinhas" talvez seja porque exista um espaço entre as linhas escritas que esteja por preencher.

O que está nas entrelinhas é muitas vezes aquilo que não precisa ser dito. Mas também aquilo que não pode ser dito. Aquilo que é óbvio de mais para ser dito. Ou aquilo que é muito obscuro para que seja falado. Ou nojento. Mas mesmo sem ser nomeado, está ali, fluindo.

Um espaço.

Entre linhas duras de palavras frias podemos aquecer uma folha com o sopro de vida que enviamos ao espaço a ser preenchido, para que, a partir de nosso corpo, a coisa informe tome uma forma singular; uma forma nova de conexão conosco. E com ela dialogamos, estabelecemos uma relação. As linhas nos dão pistas. É nas entre-linhas que moramos. Vida viva fluida habita as entrelinhas.

O devir habita as entrelinhas.

Mas e as linhas que de tão claras nos ofuscam as vistas? As linhas de ferro das prisões, as linhas escritas sobre violência no jornal, linhas com respostas tão iluminantes quanto um canhão de luz que, mirado na nossa cara, nos impede de ver além dele, e que em nós produz mais sombra do que claridade. E para além dessas linhas nada há para entender? Talvez os espaços sejam grandes de mais e dê preguiça de ouvir o que não está dito. Ou quem sabe habitar essas entrelinhas nos dê muita solidão.

Trôpegos

Estou sentado na cantina da faculdade esperando colegas e professores chegarem para uma reunião. Uma menina esbarra em uma mesa derrubando os cadernos e um pouco do café de outra que estava ali perto sentada possivelmente fazendo algo muito parecido com o que eu estava fazendo. A menina que esbarra na mesa parece ter ficado muito feliz com o encontro inesperado com o objeto de quatro patas, pois quase gargalhou e me banhou com seu sorriso, iluminando boa parte de meu dia. Banhou também a mesa com café, mas ela não deu bola.

Às vezes parece que somos uma grande sociedade de formigas em que se uma pára, se machuca, se distrai ou tropeça irá interromper um macrotrabalho de dedicação a algo estratosférico. A nobreza que se deve a rainha cinza-transcendental da seriedade. Como se cada passo fosse a fração de uma lógica de caminho medido e calculado, em que o piche do asfalto e o cimento da calçada são uma extensão das pernas e quadris de um corpo organizado.

Ora, uma hora ou outra temos que tropeçar. Porque em algum momento fugidio nos *destruímos*, ou seja: paramos de trair alguma coisa. E passamos a não caber na rua reta ou entre as mesas do bar. O tropeço é a linha de fuga cotidiana que não suporta que o asfalto seja tão estagnado, que as mesas estejam sempre no mesmo lugar.

Isso é para não adiantar mesmo.

É comum que a importância das nossas produções seja bastante proporcional a velocidade de efeito e de resultado delas.

Deslocar a velocidade de compreensão e apreensão de um pensamento não adianta nada. Mas um objetivo interessante é justamente não adiantar. Veja bem, muitas vezes é preciso de tempo para explicar, e o que é explicado, precisa de tempo para resultar em alguma coisa nova.

Então pensar que escrever sem saber exatamente o que se vai escrever, ler sem ter certeza do que vai ler é não estar muito adiantado.

É de se considerar os benefícios de fazer coisas que esperam mais e adiantam menos.

É adiantado e chão pronto demais quando nos contam um efeito de um acontecimento que está por vir (como com os filmes). Às vezes esse adiantar nos impede de ver elementos que poderiam ser vistos se os outros elementos não tivessem sido adiantados, e assim ficássemos adiantando a procura deles durante o acontecer.

Adiantar é tirar os sentidos do corpo e empurrá-los para um lugar que não existe.

Resistir

Resistência é algo que comumente associamos a revoluções. De algum modo também a associamos a minorias; parece que quando se está resistindo a alguma coisa é porque a coisa é de uma ordem englobante, maior, total. É uma oposição de forças diferentes. Revolução é um dos nomes que damos a um dos movimentos de um planeta. É fazer girar, porém ao redor de um eixo específico e repetitivo; portanto, a resistência não necessariamente se relaciona com revolução.

A Resistência pode ser uma parenta teimosa da Desistência. Pensando nisso, em teimosia, resistir se relacionaria com persistir, insistir. Porém, persistir e insistir nos remonta a tentar um Mesmo. Quando o resistir a que me refiro é verme que se move para rachar um Mesmo, que tenta rachá-Lo com a potência de fazer uma fissura embrionária.

Portanto, a resistência a que me refiro também é aquela que não se deixa fagocitar inertemente. É aquilo que não desiste, que não des-existe. Mas sim que se movimenta com autonomia clandestina.

É algo que é crítica. Uma crítica com liberdade para ser ilógica, e que é da ordem de um corpo sentido e pulsante. Então ela força, se debate, luta de um jeito louco, desenfreado e, por vezes, suicida - na tentativa de brotar de uma impregnação. Como um ponto de câncer que se multiplica em oposição louca a produção alinhada das células. Mas que por vezes desiste, quando esta nova produção toma o corpo e o devora por dentro, acabando com a vida.

É que desistir é deixar de lado o que nos parece não estar dando mais certo, que também é poder ser uma linha capturada. Resistir é compor diferente, subverter: verter outra coisa dos processos vertidos do corpo organizado. Mas ambas se misturam, e por vezes o que é um solo arenoso também é areia movediça; e ali se pode tanto nascer quanto se ser sugado fatalmente.

“Nunca suscite um general em você!”

(Deleuze; Guattari)¹⁵

Uma Praga Genética é Venenosamente mais Fácil de ser Capturada e Aniquilada

Para conter a Primavera de Praga, os exércitos da URSS e dos membros do Pacto de Varsóvia com milhares de tanques e de soldados invadiram a Tchecoslováquia a fim de desmontar o levante político que efervilhava ali, e de abafar os gritos que emanavam daquele lugar. Uma estratégia militar adotada foi a de dominar e exterminar as células potencializadoras deste movimento na capital Praga: as rádios que incitavam a libertação, os grandes focos de encontro dos subversivos eram alvos. O exército não conhecia a cidade, e foi se guiando pelos mapas dos Generais. Se imbricando pelas ruas e becos em busca de cumprir a estratégia para dismantelar o movimento, o exército se perdeu.

Os moradores de Praga arrancaram as placas com os nomes das ruas e o exército não conseguiu mais se localizar.

Pois o corpo nunca teve placas, apenas órgãos. Mas em um corpo sem órgãos¹⁶ as intensidades ultrapassam, varam este corpo sem fazer sinapses diretas com placas de orientação pré-determinadas. As singularidades dos fluxos sítiam e compõe um corpo, cavando seus próprios orifícios, com seus poros e caminhos de tamanhos próprios. O corpo sem órgãos não se embaraça com a vulnerabilidade do contato com as poeiras do caos.

¹⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia Vol 1.** São Paulo: Editora 34, 2008

¹⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia Vol 3.** São Paulo: Editora 34, 2008

Os Generais se guiam pelos órgãos, por aquilo que já está dado a priori. Eles tudo sabem, têm medalhes em seus casacos que se esforçam ao máximo para (a)testar isso. No entanto, a vida, ao menos até hoje, sempre foi inédita.

Podemos associar a palavra *general* com a palavra *gênese*. O general impregnado com essa carga de origem; de onde arboricamente saem ordens que devem ser cumpridas *ipsis litteris* pelo soldado.

O projeto de mapeamento dos genes humanos é justificado eticamente¹⁷ pela via de que conhecer a fonte de doenças auxilia no seu diagnóstico.

A Genética do comportamento não prevê um corpo sem órgãos. Tem fé que quando as intensidades entrarem por um lugar, como a pele, por exemplo, ela há de sair por um orifício já previsto.

Estratégias que se baseiam nas estruturas genéticas cantam como que ignorando a impotência de prever o imprevisível. Porque a imprevisibilidade é uma nota arranhando no coro das coerências.

O mapa dos Generais (mapa genético) pode funcionar como os diagnósticos. Porém estes últimos podem ser ainda mais perigosos, pois um diagnóstico que se coloca como verdade de um corpo pode forçar uma organização violenta. No emaranhado de intensidades, forçando, covarde e truculentamente um corpo sem órgãos a se contorcer incessantemente em um corpo *generalizado*.

¹⁷ Algumas éticas mentem?

O que você levaria para uma ilha deserta?

*“(..)um pouco como a intuição e a inteligência segundo Bergson, onde só a inteligência possui os meios científicos para resolver formalmente problemas que a intuição coloca”
(Deleuze, Guattari)¹⁸*

Para olharmos espaços de pensamento, de práticas, de produção científica, Deleuze e Guattari¹⁹ propõem pensar em uma dupla processual. Os espaços lisos e os espaços estriados.

Para dar início a uma explanação sobre esses lugares, os autores se utilizam de dois jogos clássicos de tabuleiro: o go e o xadrez.

As diferenças importantes entre esses jogos se dão do ponto de vista das peças, da relação entre as peças e do espaço concernido. No xadrez, existiria certa “dureza” referente a essas questões; entre as peças existem a priori de funcionamento e, até mesmo, hierarquias de habilidades; “(...)as peças do xadrez são codificadas, têm uma natureza interior ou propriedades intrínsecas, de onde decorrem seus movimentos, suas posições e seus afrontamentos”²⁰. Apesar das possibilidades de poder relativo no jogo, a rainha sempre será uma rainha, o cavaleiro sempre será um cavaleiro.

O go é um jogo em que existem peças brancas e peças escuras. Segundo Deleuze e Guattari (2008), as peças do go seriam elementos de um agenciamento maquínico não subjetivado, sem propriedades intrínsecas, porém apenas de situação.

A guerra do xadrez é uma guerra institucionalizada, regrada, codificada. No go não há linha de combate, o jogador escolhe o espaço do tabuleiro que sua peça e sua próxima peça irão ocupar, conforme uma situação. As peças do go teriam um maior “potencial” de lisura, enquanto as do xadrez estariam compondo um território estriado.

¹⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol 5. São Paulo: Editora 34, 2008, pág. 43.

¹⁹ *idem*

²⁰ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol 5. São Paulo: Editora 34, 2008, pág. 13.

A imagem dos nômades andando pelo deserto. O deserto como esse espaço em que ainda não está invadido ou construído estradas, estruturas pré-prontas; portanto um espaço liso, de inventividade de rotas e caminhos. O processo de captura compõe um jogo com os espaços lisos e os espaços estriados. De modo que existe uma tendência de os espaços lisos se estriarem. Na relação com a produção de saber, percebemos que “há um cientista ambulante que os cientistas de Estado não param de combater, ou de integrar, ou de aliar-se a ele sob a condição de lhes proporem um lugar menor no sistema legal da ciência e da técnica”²¹.

Quando nos deparamos com as areias dos desertos da prática psi, estamos margeando uma fronteira que não se encontra necessariamente em uma borda que contorna um centro limpo e coerente. É como se essa fronteira estivesse sempre no bojo da prática. As peças do go e do xadrez estão espalhadas em um tabuleiro em que é difícil de dizer onde é liso e onde há apenas estrias.

Como se na margem pudessem ser feitas mágicas proibidas que em algum momento são capturadas e absorvidas por uma ciência régia. São os elementos de invenção constante aos quais o estudante é auto lançado. Espaços em que as regras não fazem sentido, mas às vezes fazem. A intuição é uma das guias. E uma batalha institucionalizada se tensiona com uma não institucionalizada, formando lampejos de abismos e de chãos no mesmo instante.

²¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol 5. São Paulo: Editora 34, 2008, pág 41

Jogo de Cenas²²

Porque me parece que a vida é essa dança com o outro, com os outros: como nos conectamos nos transformamos. O filme me desperta a pergunta: “ Quem somos eu?” Impossível de responder. Esse povoado de máscaras que vamos esculpindo no eterno embate com o outro; um emaranhado de seres no mundo que são diferentes e que não param de se diferenciar entre si, se aproximando um do outro, se transformando em partes que não pertencem a si, mas que não são de exclusividade do outro; são coisas de uma dança, um grande movimento de corpo sempre em conjunto com o outro em um ritmo ao qual parece que somos surdos e impedidos de saber como nos mexer, mas mesmo assim o corpo meche e dança com essa(s) outra(s) pessoas imprimindo uma arte singular de troca mágica de rostos e de gestos. A saudável veia cardiovascular que rompe em mim quando o outro me ataca cardiacamente.

²² Do filme Jogo de Cenas de Eduardo Coutinho: atendendo a um anúncio de jornal, 83 mulheres contaram sua história de vida em um estúdio. 23 delas foram selecionadas, em junho de 2006, sendo filmadas no Teatro Glauce Rocha. Em setembro do mesmo ano várias atrizes interpretaram, a seu modo, as histórias contadas por estas mulheres. Ao mesmo tempo as mulheres que de fato vivenciaram as histórias também as narram, compondo um jogo cujas cenas, histórias e vidas se misturam com as pessoas que estão (re)vivendo as histórias.

E Se Fôssemos Menos Importantes?

Uma borboleta havia pousado nas costas de minha mão esquerda. Adorei aquilo. Eu estava acampando, ventava bastante, pois uma chuva se aproximava.

O vento era forte. Quis proteger aquele pequeno e frágil ser que me concedeu a dádiva de estar ali me emprestando suas cores e sua delicadeza. Acobertar a borboleta do vento parecia uma retribuição mínima por ela estar ali; com meus braços e minha mão gigantes, para que o vento não arrebetasse a tenra delicadeza dela.

Ingênuo arrogância de minha parte. Porque a borboleta é uma maestra no vento: sua leveza é sua força e suas asas regem na bravura da força invisível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, Manuel. **O Livro das Ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 1993

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia**. Trad. Bento Prado Jr e Alberto A. Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol 1. São Paulo: Editora 34, 2008

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol 3. São Paulo: Editora 34, 2008

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** Vol 5. São Paulo: Editora 34, 2008

MILLER, Henry. **Trópico de Câncer**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003

PRECIOSA, Rosane. **Rumores Discretos da Subjetividade – Sujeito e Escritura em Processo**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2010

ROLNIK, Suely. **Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. Cadernos de subjetividade, São Paulo, v.1, n.2, p.241-251, set./fev. 1993.

ANEXO 1

Segue aqui uma situação de troca de e-mails ilustrando parte de um processo de criação, aprendizagem no caminho da produção deste Trabalho de Conclusão de Curso:

Oi Gislei!

Esse fragmento²³ teve diversas inspirações e tomou alguns caminhos. Ele chegou a se tornar um pequeno conto, mas foi tomando esse formato "final" (com ênfase nas aspas) com o decorrer da semana. Essa escrita teve muitas influências, como o filme "em um mundo melhor", minha vontade de "desistir" do pet-saúde, o conto "Um Artista da Fome" do Kafka, o conto "A Incrível e Triste História de Cândida Eréndira e sua Avó Desalmada", do Gabriel Garcia Marques, o texto do corpo sem órgãos do mil platôs... O Osvaldo também está ali. Um caminho que experimentei foi colocar imagens no escrito dessas influências em mim da literatura, e tive muita dificuldade! Tenho um excesso de delicadeza quanto a fidelidade a esses intercessores. Portanto, ainda preciso exercitar a escrita sobre isso, exercitar mais as ressonâncias de meus intercessores talvez. Eu li o que escrevi sobre o conto do Garcia Marques, e achei muito ruim!! Pensei " não, não posso escrever isso sobre um conto tão lindo!" hehe

Quando poderemos conversar essa semana? Amanhã (segunda) posso o dia inteiro.

Resposta:

Pedro

Com a delicadeza temos o afeto que faz agir, delicadeza com o movimento do ato, mas embriaguez com o afeto que força a experimentar. Prudência contigo, com as dobras das práticas sobre nós que nos colocam em lugares de decisões imediatas, deixe decantar para que o movimento da ação possa fluir.

A vontade de sair é tua... mas pode ser tua e de outro, uma enunciação coletiva que se instala em ti....

Quanto a " não posso escrever isso sobre um conto tão lindo!" hehe", mais uma pista: fique atento pois não estás "falando sobre". Eles são intercessores ou personagens conceituais... uma dúvida minha para vermos em "o que é filosofia" e usarmos em teu TCC. De qualquer forma estás roubando palavras, percorrendo sentidos que a arte provoca e convoca, transgredindo o que "eles" produziram no devir literatura-psi, não és um crítico de arte, mas um cartógrafo. Então, invente e exista!

Não posso amanhã, mas na quarta 9:30 no bar da arquitetura, antes da reunião da oficina pode ser??
beijos colorados!!!

Gislei

²³ Fragmento Resistir